

B. N. L.

9238

H.-G.

OFFERTA

9238
H. G.

PORQUE É QUE A GRÃ BRETANHA
SE ACHA EM GUERRA, CAUSAS E
EFFEITOS

EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA CORRESPONDENCIA
DIPLOMATICA E DISCURSOS MINISTERIAES

POR

SIR EDWARD COOK

58512



LONDRES :
EYRE & SPOTTISWOODE, LTD.

1914

NOTA PRELIMINAR.

Este pamphleto foi originalmente preparado para circulação pela Liga Victoria que se propõe por intermedio de sua organização e associações alliadas, quer no paiz quer nas Colonias esclarecer por meio de conferencias, pamphletos e folhetos em forma de simples exposições sobre as causas que deram logar á guerra e as consequencias que della derivam. O pamphleto acha-se á venda ao publico com a de poder ser considerado de utilidade por outros alem d'aquelles a quem a Liga Victoria espera alcançar.

As causas immediatas da guerra e da intervenção da Grã Bretanha, ainda não estão devidamente apreciadas em algumas partes. Acham-se claramente expostas no Livro Branco da "Correspondencia relativa á crise Europea. Este livro (Miscellanea No. 6, 1914)" deve achar se em poder de todo aquelle que tiver tempo para se inteirar bem delle. Os discursos do presidente de conselho e do ministro dos negocios estrangeiros em parlamento, só podem entender-se plenamente á luz da correspondencia diplomatica. Como testemunho sensível da caracter empolgante da correspondencia, cabe aqui dizer-se que na Camara dos Communs do Canadá, tanto Sir Robert Borden como Sir Wilfred Laurier exprimiram a sua crença na justiça da causa de Grã Bretanha e Sir Robert Borden "acrescentou que depois da leitura do Livro Branco ficára convencido que jamais Governo algum havia feito uma tentativa mais corajosa para sustentar a paz" ("Times," 21 de Agosto).

Não são todos porem os que teem tempo para ler ou o habito de com facilidade analysar um livro Branco contendo mais de 150 documentos. Nas paginas seguintes ver-se-ha que se procurou coordenar por uma forma facil de comprehender, os pontos principaes da correspondencia diplomatica e dos discursos dos ministros. Os extractos do livro branco foram transcriptos com auctorisação do fiscal da repartição dos impressos do estado (H.M. Stationery Office) Adicionaram se algumas explicações e fizeram-se citações de fontes officiaes.

Na presente edição inclui (pag. 14) algumas passagens do notavel "despacho do ministro Britannico em Berlim com referencia a ruptura das relações diplomaticas com o governo Allemão." O despacho foi publicado em um livro branco separado.

E. T. C.

PORQUE É QUE A GRÃ BRETANHA SE ACHA EM GUERRA.

CAUSAS E EFEITOS.

Foi uma reflexão de um dos primeiros philosophos politicos que as perturbações dos estados, embora se possam suscitar em occasiões futeis, não representam efeitos futeis. A actual guerra mundial começou pela questão da Serbia mas continha logo de principio efeitos de muito maior alcance. Se tivesse sido apenas questão de um contenda entre a Serbia e a Austria, a Grã Bretanha, como repetidas vezes disse Sir Edward Grey, não se teria preocupado com o caso. Mas uma vez que, como já vamos ver, esta desintelligencia forçosamente ia ter ulteriores consequencias, torna-se necessario comprehender sobre que versava a mesma.

A QUESTÃO DA SERBIA.

A Serbia é um reino pequeno mas muito antigo, da peninsula dos Balkans. Adquiriu consideravel incremento de territorio em resultado das recentes guerras dos Balkans, a guerra entre os Estados Balkanicos e a Turquia e em seguida a guerra entre os proprios estados dos Balkans. O povo Serbio é da mesma raça e religião que os slavos, dos quaes Russia é a potencia predominante e a cuja raça tambem pertencem muitos dos subditos da Austria-Hungria. Em 28 de Junho de 1914 commetteu-se o "crime de Serajevo" ou seja o assassinato do herdeiro-presumptivo do throno de Austria-Hungria e sua consorte, na capital da Bosnia. Esta provincia, outr'ora parte do antigo reino Serbio, cahira em poder dos Turcos; a sua administração tinha sido dada á Austria pelo tratado de Berlim, depois da guerra Russo-Turca em 1878 e em 1908 foi annexada á Austria. O governo Austriaco allegou (mas não provou) que o crime de Serajevo fôra o ponto culminante de um "movimento subversivo" organizado pelo governo Serbio com o fim de desaggregar uma parte dos territorios de Austria-Hungria, da monarchia. Em 23 Julho o governo Austriaco dirigiu um ultimatum á Serbia. A Allemanha havia dado plena carta branca á Austria. Sir Edward Grey admittiu "que era natural achar-se em sympathia com muitas das exigencias do ultimatum" e que o "assassinato do Archiduque e algumas das circumstancias referentes á Serbia, citadas na nota (Austriaca) haviam despertado sympathia pela Austria." A Russia igualmente concordou que "as exigencias eram bastante razoaveis em alguns casos." Havia porem duas caracteristicas no ultimatum Austriaco que causaram alvoroço e pezar aos que desejavam ver mantida a paz de Europa. A primeira foi a inclusão de um prazo tão curto (quarenta e oito horas) que deixava muito pouco tempo para a diplomacia poder evitar a guerra. A segunda foi não ser o que a Austria exigia dentro de quarenta

e oito horas *uma* resposta, mas sim *a* resposta dictada pela Austria. “Nunca eu vira até aqui, disse Sir Edward Grey um estado dirigir a um outro estado independente um documento de character tão formidavel.” O ministro Allemão dos negocios estrangeiros admittiu que o Governo Serbio não poderia tragar certas exigencias Austriacas.” Sir Edward Grey aconselhou a Serbia em ir até ao ultimo ponto possivel para acceitar estas reclamações, recebendo igual conselho da Russia e França. O governo Serbio respondeu dentro do tempo marcado aquiescendo á maior parte dos reclamações Austriacas, embora ellas fossem de indole muito rigorosa. A resposta Serbia “envolia” disse Sir Edward Grey “a maior humilhação que elle jamais vira soffrer um paiz.” Não obstante isso, a Austria recusou acceitar a resposta e declarou guerra á Serbia (28 de Julho). A parte das reclamações da Austria, que a Serbia se achava impossibilitada de acceitar affectavam a sua propria existencia como estado independente e estes pontos promptificou se a submettel-os ao Tribunal da Haya. O facto de que a Austria, ao mesmo tempo que recebia satisfação nos outros pontos tinha considerado como *casus belli* a recusa destes ultimos levantou suspeitas sobre as suas ultteriores intenções. “A questão real,” disse o ministro dos negocios estrangeiros Russo, era se a Austria ia esmagar a Serbia e reduzir-a ao estado de vassallo ou se ia deixar a Serbia como estado livre e independente.

GRAVISSIMAS CONSEQUENCIAS EM JOGO.

Desde o principio havia sido reconhecido que a questão da Serbia não podia ficar isolada. A aggressão da Serbia pela Austria (com consentimento prévio da Allemanha) tinha que envolver outras potencias.

O governo Allemão assegúrou, é facto, a Sir Edward Grey, que a questão de que se tratava era para ser liquidada só entre a Serbia e Austria, mas toda a gente sabia que tal não podia ser e o governo Allemão, como depois se verá, parece tambem ter sabido isto. As relações entre a Austria e a Russia haviam já ficado tensas com annexação da Bosnia e Herzegovina. A aggressão da Austria contra a Serbia por certo que seria encarada pela Russia com o maior alarme e indignação. Durante a crise Balkanica, o ministro dos negocios estrangeiros da Russia “fizera ver claramente ao governo Austriaco, que um ataque Austriaco contra a Serbia fatalmente envolveria esse governo em guerra com a Russia. Era evidente que o dominio da Austria sobre a Serbia era tão intoleravel á Russia como a dependencia da Hollanda da Allemanha o seria para a Grã Bretanha.” “Deve ser evidente,” disse Sir Edward Grey na Camara dos Communs (27 de Julho), “a toda a pessoa que reflectir sobre a situação, que do momento em que a desintelligencia deixe de o ser entre a Austria-Hungria e a Serbia e se torne uma em que outra grande potencia se ache envolvida, só

pode terminar pela maior catastrophe que jamais se tenha dado no Continente da Europa de um só golpe ; ninguém pode dizer qual venha a ser o limite das consequencias que um tal conflicto poderá occasionar.” A guerra entre a Russia e Austria em uma causa em que a Allemanha havia apoiado aquella, tinha que envolver a Allemanha como sua alliada e a França teria que entrar como alliada da Russia. A acção da Austria e Allemanha no caso da Serbia tinha desta forma visos de provocar uma guerra Europea. A Inglaterra, França e Russia viram isto. A Italia, a alliada de Austria e Allemanha tambem o viu. Quando vinha estallando a guerra geral, o governo Italiano, ao ser-lhe perguntado quaes as suas intenções replicou : “ A guerra emprehendida pela Austria e as consequencias que d’ahi podem resultar, tinham segundo as proprias palavras do Embaixador Allemão, um fim aggressivo. Ambas se achavam portanto em conflicto com o caracter puramente defensivo da triplice Alliança e nestas circumstancias a Italia conservar-se-hia neutral.” “ Estavamos perfeitamente conscios.” disse o proprio governo Allemão, “ que as possiveis medidas bellicosas da Austria Hungria contra a Serbia poderiam fazer entrar a Russia em scena e desta forma envolver-nos em uma guerra em conformidade com nossos deveres de alliados.” “ Em quanto á Allemanha,” disse o Embaixador Allemão em Vienna, ao Inglez “ sabia perfeitamente em que se mettia supportando a Austria nesta questão.”

ESFORÇOS DA GRÃ-BRE"ANHA EM FAVOR DA PAZ.

Previendo isto tudo, Sir Edward Grey, cujos esforços durante as recentes guerras dos Balkans lhe haviam adquirido o titulo de pacificador da Europa, foi o primeiro a apparecer com propostas para evitar a guerra e o governo Britannico “ persistiu até ao ultimo momento da ultima hora, nesse grande e benefico, mas infelizmente frustrado intuito ” (Mr. Asquith).

Já em 20 de Julho tendo recebido um leve palpito do que se andava machinando, Sir Edward Grey fallara com o embaixador Allemão da importancia, para a paz de Europa da Austria “ circumscrever as suas exigencias dentro de razoaveis limites.” A suggestão não foi adoptada. O ministro dos negocios estrangeiros Allemão “ considerou inopportuno que o governo Allemão se entendesse com o governo Austro-Hungaro sobre o assumpto ” (22 de Julho). O ultimatum Austriaco que o proprio Ministro “ admitiu, o governo Serbio não podia tragar,” foi despachado no dia seguinte.

Em 23 de Julho, tendo tido do embaixador Austriaco um resumo do que nota Austriaca continha, Sir Edward Grey, insistiu com elle, assim como com o governo Allemão sobre o quanto seria para desejar que se convencesse o governo Austriaco a prolongar o limitado prazo. O governo Russo procedeu da mesma forma. O Embaixador Allemão teve instrucções para fazer “ seguir ” a suggestão de Sir Edward Grey, mas o Ministro de Negocios Estrangeiros Allemão disse que haveria

demora e difficuldade em obter a prorrogação do limite do prazo, e accrescentando “expontaneamente, que o Governo Austro-Hungaro desejava dar uma licção aos Serbios e que tinha tenção de lançar mãos das armas.”

Em 24 de Julho tendo recebido o texto do ultimatum e prevendo que se a Austria atacasse a Serbia, a Russia mobilizaria, Sir Edward Grey propoz que “Allemanha, França, Italia e a Grã Bretanha, que não tinham interesses directos na Serbia, agissem conjuncta e simultaneamente em pró da paz em Vienna e S. Petersburgo,” “na eventualidade das relações entre a Austria e Russia se tornarem ameaçadoras.” “Muito seria para desejar,” disse elle ao embaixador Allemão o levar a Austria a não precipitar a acção militar e assim se ganharia mais tempo. Nenhum de nós porem poudo influir a Austria neste sentido, a menos que a Allemanha proposesse e participasse em tal acção em Vienna. A França era favoravel a este plano, assim como o era a Italia. A Russia “estava perfeitamente disposta a pôr-se de fóra e entregar a questão interiamente nas mãos da Inglaterra, França, Allemanha e Italia.” Tendo pois sido assegurado de que só caso a Allemanha concordasse, o seu plano poderia ser efficaz, Sir Edward Grey, em 26 de Julho convidou os governos de França Allemanha e Italia a darem instrucções aos seus respectivos embaixadores para conferenciar com elle “com o fim de descobrir um meio de evitar complicações.” O convite foi accete pela França e Italia. O ministro dos negocios estrangeiros Allemão “não podia concordar com o alvitre, por muito ancioso que estivesse em cooperar para a manutenção da paz” (27 de Julho).

Nisto Sir Edward Grey, avistou-se com o embaixador Allemão (27 de Julho) e prometteu “que uma vez que a Allemanha trabalhasse para manter a paz eu estaria sempre em contacto immediato. Repeti que depois da resposta Serbia, era em Vienna que se devia instar por alguma moderação.” No dia seguinte (28 de Julho) a Austria-Hungria declarou guerra á Serbia.

Como se suppunha que o governo Allemão tinha accetado “em principio” a idea da mediação pelas quatro potencias entre a Austria e Russia propoz-se “que o secretario de estado Allemão suggerisse quaes as linhas em que este principio seria applicado.” O governo Allemão não fez suggestão alguma.

O projecto de Sir Edward Grey tinha ficado de lado temporariamente, pois o governo Russo se offerecera para discutir o assumpto directamente com o governo Austriaco. Esta offerta foi declinada pela Austria (28 de Julho).

A seguir, Sir Edward Grey appellou para o Chanceller Allemão “Se elle poder induzir a Austria a satisfazer a Russia e a abster-se de avançar ao ponto de entrar em collisão com ella, a nossa profunda gratidão a sua Excellencia será unanime por ter salvo a paz da Europa (29 de Julho) O governo Italiano tinha simultaneamente appellado para a Allemanha em identico sentido.

No mesmo dia o governo Allemão fez certas propostas á Grã Bretanha a que adiante chegaremos e que o presidente do conselho mais tarde classificou de “infames.” Tal era porem a persistencia de governo Britannico em conseguir a paz, que Sir Edward Grey ao declinar as proposta usou de linguagem de grande reserva (30 de Julho) e acompanhou a sua recusa de mais outro “vehemente” appello ao chanceller Allemão. “A maneira de manter as boas relações entre Inglaterra e Allemanha é continuarem a trabalhar conjunctamente para preservar a paz da Europa; se conseguirmos este objecto as relações mutuas da Allemanha e Inglaterra ficarão *ipso facto*, creio eu, melhoradas e robustecidas. Para este fim o governo de Sua Magestade trabalhará com toda a sinceridade e boa vontade. E direi mais: se a paz da Europa se poder preservar e passando-se a presente crise a salvamento, eu proprio tentarel promover algum arranjo de que participe a Allemanha e pela qual ella fique segura de que nenhuma politica hostile ou aggressiva será proseguida contra ella ou suas alliadas pela França, Russia e nós proprios, junta ou isoladamente.”

No dia seguinte (31 de Julho) Sir Edward Grey deu provas de sua sinceridade e fez novo esforço pela paz. “Eu disse ao embaixador Allemão esta manhã, que se a Allemanha pudesse apresentar qualquer proposta razoavel pela qual ficasse claro que a Allemanha e Austria estavam lutando para preservar a paz Europea e que a Russia e França procederiam com desacerto em a rejeitar, eu a apoiaria em S. Petersburgo e Paris e iria até o extremo de dizer que se a Russia e França a não acceitassem, o governo de Sua Magestade nada mais teria que ver com as consequencias.” A fim de não deixar esta promessa na região da generalidades, Sir Edward Grey aventou uma suggestão especial. “Até aqui o escolho tem sido a falta de confiança da Austria nas declarações Serbias e a falta de confiança de Russia sobre as intenções Austriacas com respeito á independencia e integridade da Serbia.” Se a Allemanha sondasse Vienna Sir Edward sondaria S. Petersburgo para ver se era possivel as quatro potencias desinteressadas offerecer a obrigar-se para com a Austria em cuidar em que ella obtivesse plena satisfação pelas suas reclamações contra a Serbia, comtanto que não offendessem a soberania e a integridade do territorio Serbio. Que a Russia estava prompta a acceitar esta solução torna-se evidente de uma formula de paz que o seu governo tinha lavrado de concerto com Sir Edward Grey. A Austria que em 28 de Julho havia recusado, dois dias depois concordára em discutir com Russia. Tudo dependia da Allemanha. Em S. Petersburgo e Vienna estavam proseguindo as conversações como communicou o embaixador Britannico na ultima capital quando foram cortadas bruscamente pela intervenção da Allemanha. Nesse dia ella mandou um ultimatum á Russia.

Logo de madrugada em 1 de Agosto (3.30 da manhã) o Rei de Inglaterra e seus ministros fizeram uma ultima tentativa

para conseguir a paz. O rei telegraphou pessoalmente ao Czar. No telegramma o Rei expoz primeiro o texto de uma communicação recebida do governo Allemão. O Czar havia previamente pedido ao Imperador Allemão para intervir entre a Russia e Austria e tinha feito os mais catheticos protestos ao Imperador Guillerme que as tropas Russas se não moveriam enquanto continuassem as negociações para a mediação. O governo Allemão em sua communicação declarava que o Imperador estava deseioso pela mediação e queixava-se que tal mediação fosse frustrada pela mobilização russa. O Rei Jorge dizia "que estava muito ancioso em não perder qualquer possibilidade de evitar a terrivel calamidade que ameaça o mundo inteiro"; elle appellava para o Czar para remover qualquer mal entendido que se tivesse dado offerendo os seus bons officios para auxiliar a renovar as conversações interrompidas entre as potencias interessadas." O Czar replicou no mesmo dia, "Com alegria teria accedido as vossas propostas se o embaixador Allemão não tivesse apresentado uma nota ao meu governo esta tarde declarando a guerra."

"Nesta hora solemne, desejo," dizia o Czar, "assegurar-vos, mais uma vez, que fiz quanto em mim cabia para evitar a guerra." Esta declaração é confirmada pela correspondencia diplomatica. Mostra, como disse o ministro Russo dos negocios estrangeiros, "que nenhuma suggestão que lhe fôra apresentada havia sido recusada. Elle accetara a proposta para uma conferencia de quatro para intervenção, pela Grã-Bretanha e Italia, para conversação directa entre a Austria e Russia; mas a Allemanha e Austria Hungria tinham tornado improficuas estas tentativas de paz já com respostas evasivas já com recusas formaes."

"Se a guerra fosse evitada," tinha dito o ministro Russo dos negocios estrangeiros justamente antes de recebido o ultimatum Allemão, "dever-se-hia em grande medida ao governo Inglez." O precedente resumé mostra a persistencia de Sir Edward Grey no seu trabalho pela paz. O que elle deliberadamente se absteve de fazer, não menos do que elle fez, era governado pelo desejo de paz. Em um recente periodo das negociações o governo Britannico foi instado tanto pela França como pela a Russia para fazer uma declaração de completa solidariedade com ellas (24 de Julho). O presidente da Republica repetiu o pedido com muita firmeza em 30 de Julho. Sir Edward Grey foi de parecer que era provavel ser de mais utilidade como pacificador que este paiz se conservasse o mais tempo possivel, em attitude de desprendimento. Alem disso o governo não tinha desejo de intervir, a menos que a honra e interesses do paiz o tornassem inevitavel. Ao mesmo tempo fizeram-se declarações de que não se devia assumir que a Inglaterra continuaria impassivel em quasquer circumstancias concebiveis.

Os documentos officiaes mostram pois, quanto incessantemente se esforçára Sir Edward Grey em manter a paz de Europa e por quem os seus esforços haviam sido frustrados.

Mostram também a lentidão do governo Inglez em comprometter Grã Bretanha a tomar parte na guerra. O ella por ultimo ter ficado envolvida, foi devido a causas que nada tinham que ver com os Balkans.

A PROPOSTA ALLEMÃ Á INGLATERRA.

O dia decisivo foi em 29 de Julho de 1914. Nesse dia o chanceller Allemão que acabára de visitar o Imperador em Potsdam mandou chamar o embaixador Britannico em Berlim, Sir E. Goschen e teve uma conversação com elle que ha de ficar sempre memoravel na historia. As palavras do chanceller revelavam que a Allemanha se estava preparando para atacar a França atravez da Belgica e passou a propor uma negociata pela qual a Allemanha vinha a consêguir a neutralidade da Inglaterra durante a guerra eminente. Os termos da negociata proposta eram os seguintes: (1) Primeiro, A Inglaterra ficaria de parte enquanto a França era esmagada, sob o entendimento de que a Allemanha "não tinha em vista acquisições teritoriaes á custa da França." Sir E. Goschen perguntou a sua Excellencia acerca das colonias Francezas, mas a este respeito elle disse não poder tomar identico compromisso. A Inglaterra por detraz das costas de França tinha que ser cumplice da Allemanha para a acquisição das Colonias Francezas, no caso da França ser derrotada na guerra. (2) Segundo, a Inglaterra por detraz das costas da Belgica tinha que consentir na violação pela Allemanha, da neutralidade daquelle paiz; neutralidade que tanto a Allemanha como a Inglaterra se tinham compromettido por tratado a respeitar. Em compensação a Allemanha deu a sua promessa de "que quando a guerra estivesse terminada, a integridade Belga seria respeitada se ella se não tivesse posto do lado contrario á Allemanha." "A promessa foi dada, note-se e com pezar o digo, mas a verdade tem de ficar registada, por uma potencia que nesse mesmo momento estava annunciando as suas intenções de violar as suas proprias obrigações do tratado e convidando-nos a fazer o mesmo" (Mr. Asquith); (3) Por ultimo, as negociatas supramencionadas viriam a servir de base para as boas relações entre Inglaterra e a Allemanha.

Esta "infame proposta" poderia, disse o chefe do gabinete, ter sido atirada a margem sem mais consideração e quasi sem resposta, mas nos interesses da paz, como ja ficou explicado, o governo Inglez respondeu em linguagem constrangida. "O governo de Sua Magestade não pode tomar em consideração por um momento sequer a proposta do chanceller para que se obrigue a ficar neutral em taes condições. O que na realidade elle nos pede é que nós fiquemos impassiveis enquanto estão sendo expoliadas as colonias Francezes e a França batida,

comtanto que a Allemanha se não apodere de terreno que não seja o das colonias. Sob o ponto de vista material, semelhante proposta é inaceitavel pois que a França, sem mesmo se lhe tirar novo territorio na Europa poderia ficar tão esmagada que perderia sua posição de grande potencia e ficaria subordinada á politica Allemã. Inteiramente á parte d'isso seria uma infamia para nós fazer semelhante combinação com a Allemanha á custa da França, infamia da qual nunca se rehabilitaria o bom nome deste paiz. O chanceller tambem nos pede, para fazermos uma negociata sobre quaesquer obrigações ou interesses que temos concernente á neutralidade da Belgica. Tão pouco poderíamos tomar em consideração semelhante negociata." Sir Edward Grey passou, como já dissemos, a suggerir outros termos em que se podessem segurar as boas relações entre a Inglaterra e a Allemanha.

COMO A, GRÃ BRETANHA SE ACHOU ENVOLVIDA.

A historica entrevista entre o chanceller Allemão e o embaixador Britannico e a resposta do governo Britannico á proposta do chanceller, mostra como a Grã Bretanha foi levada a tomar parte na guerra por dever de honra, de obrigação e pelos interesses de defeza propria. A questão tem duas divisões, a França e a Belgica. No caso da nossa relação para com a França havia o appello da honra e defeza propria mas nenhuma obrigação directa ; no caso da Belgica havia a honra, obrigação e defeza propria, tudo combinado.

A QUESTÃO DA FRANÇA.

Em 1904 o governo conservador concluiu um accordo com a França liquidando todas as questões que se achavam pendentes entre ella e o nosso paiz. Em 1907 o governo liberal concluiu um accordo semelhante com a Russia. Assim nasceu o que se chama a triplice "entente" entre a Inglaterra, França e Russia. Foi muitas vezes considerada como destinada a servir de equilibrio contra a "Triplice Alliança" (Austria, Allemanha e Italia). Mas pelo que diz respeito á Inglaterra era uma questão de relações amigaveis e não uma aliança formal. Excepto em materias especificas constantes dos dois accordos a Inglaterra não se achava obrigada a auxiliar, quer fosse a França ou a Russia. Em 1906 quando a Allemanha estava causando inquietação em França por causa de Marrocos, Sir Edward Grey manifestou a sua opinião pessoal ao governo Francez de que se a França se visse envolvida em guerra provocada em consequencia do accordo Anglo-Francez, a opinião publica neste paiz seria em favor de se prestar auxilio não so diplomatico, como tambem material. Em 1908 quando a annexação da Bosnia e Herzegovina pela Austria causou uma crise internacional (protestando a Russia contra a annexação e a Allemanha de "brilhante armadura" apoiando a sua alliada Austriaca), Sir Edward Grey disse ao governo Russo que sendo esta uma questão Balkanica

em que a Inglaterra não tinha interesses directos, não se poderia contar com outro apoio della além do diplomatico. Desta forma cada questão ficou para ser decidida pelos seus proprios meritos.

Qual era pois o aspecto da questão nos dias criticos dos fins de Julho e principios de Agosto? A França não tendo mais que receiar de Inglaterra, havia concentrado a sua armada no Mediterraneo. As suas costas do norte achavam-se desprotegidas. A opinião de Sir Edward Grey era que “se uma armada estrangeira, envolvida em guerra não provocada pela França e em que ella não tivesse sido a aggressora descesse pelo canal da Mancha, bombardeasse e destruísse as costas indefesas da França,” seria uma deshonra para nós “conservar-nos de lado e assistir de braços cruzados ao que por assim dizer á nossa vista se estava passando.”

Os interesses Britannicos convergiam na mesma direcção. Se a Inglaterra tivesse declarado a sua intenção de se conservar neutral, a França poderia ter retirado a esquadra do Mediterraneo e como agora não conservamos lá uma esquadra bastante poderosa para fazer face por si só a combinações possiveis, as nossas vias commerciaes e communicações inter-imperiaes por aquelle mar, achar-se-hiam em perigo.

Nesta conformidade, em 3 de Agosto, Sir Edward Grey foi auctorizado a assegurar á França “que se a esquadra Allemã entrasse no Canal ou atravez do Mar do Norte para emprender operações hostis contra as costas ou navegação Franceza a esquadra Ingleza lhe daria todo o auxilio de que podesse dispor.”

Não era isto uma declaração de guerra, mas uma obrigação contingente de fazer guerra. A ulterior e final decisão foi causada pela acção da Allemanha para com a Belgica.

A QUESTÃO DA BELGICA.

A Belgica foi constituida como “estado independente e perpetuamente neutral” pelos tratados de 1831-2 de 1839. Destes tratados não só a Allemanha, como a Grã-Bretanha foram participantes. Ao rebentar a guerra Franco-Prussiana, em 1870, o governo de Mr Gladstone propoz um tratado á Prussia e á França provendo que se o exercito de uma dellas violásse a neutralidade da Belgica, a Grã Bretanha cooperaria com a outra em sua defeza. Ambos os paizes assentiram. A este acto, “Gladstone então e sempre, ligou a maior importancia.” “Não nos parece que seria justo,” disse elle, “quando mesmo fosse seguro, annunciar que em qualquer circumstancia permaneceriamos de braços cruzados vendo commetter actos que equivaleriam á extincção completa do direito publico na Europa.” “Não me parece que poderiamos assistir impassiveis emquanto se estivesse consummando o sacrificio da liberdade e independencia.” “Ha tambem ainda a considerar, o que todos devemos sentir

profundamente e isto é os interesses communs contra o desmesurado engrandecimento de qualquer potencia que seja.”

A mesma questão enfrentou o governo de Mr. Asquith em 1914 que a encarou sob o mesmo ponto de vista. Em 31 de Julho, Sir Edward Grey—em vista dos tratados existentes, perguntou á França e Allemanha “se estavam preparadas a comprometter-se a respeitar a neutralidade da Belgica, desde o momento que nenhuma outra potencia a violasse.” No mesmo dia “presumiu” elle em uma communicação á Belgica, “que o Governo Belga defenderia a sua neutralidade até ao maximo da força.” A Belgica em resposta “esperava e desejava que as outras potencias observassem e sustentassem a sua neutralidade que ella tencionava manter até ao maximo da sua força.” A França immediatamente deu a Sir Edward Grey a promessa desejada. A Allemanha não deu resposta alguma.

Em 3 de Agosto, a Allemanha dirigiu um ultimatum á Belgica dizendo que seria tratada como inimiga, a menos que consentisse na violação do seu territorio. A Belgica “recusou cathegoricamente fazel-o como flagrante violação do direito das gentes” e o Rei dos Belgas appellou nos seguintes termos para o Rei Jorge. “Lembrando me das numerosas provas de amizade de Vossa Magestade, da dos vossos predecessores e da attitude amigavel de Inglaterra em 1870 e á prova de amizade que novamente acabais de nos dar, faço um solemne appello para a intervenção diplomatica de governo de Vossa Magestade para a salvaguarda da integridade da Belgica.”

Em 4 de Agosto o governo Britannico dirigiu um ultimatum á Allemanha dizendo que a menos que pela meia noite ella desse uma resposta satisfactoria á pergunta feita em 31 de Julho, “O governo de Sua Magestade ver-se-hia compellido a tomar todas as providencias ao seu alcance para sustentar a neutralidade da Belgica e o cumprimento de um tratado, de que a Allemanha compartilha tanto como nos.” A Allemanha não deu resposta, excepto violando pela força o territorio Belga e por consequencia a Inglaterra declarou guerra.

AQUILLO PORQUE ESTAMOS COMBATENDO.

Desta maneira por uma coincidência instructiva, uma crise que começou pela determinação da Austria (apoiada pela Allemanha) em applicar a força bruta contra a independencia de um pequeno estado no Sudeste da Europa, chegou a um termo no que diz respeito a Grã Bretanha, pela determinação da Allemanha (em alliança com a Austria) de calcar aos pés a neutralidade de um pequeno estado no Noroeste da Europa. “Meus Senhores,” disse o chanceller Allemão no Reichstag (4 de Agosto), “achamos-nos em uma situação de necessidade e a necessidade não conhece

leis. As nossas tropas occuparam o Luxemburgo e talvez se achem já em terreno Belga. Meus Senhores, isto é contrario aos dictames do direito internacional. . . . Todo aquelle que se vê ameaçado, como nós estamos ameaçados, e está pelejando pelas suas mais altas possessões, só pode ter uma preocupação—é a de abrir caminho.”

“Se me perguntarem pelo que é que estamos combatendo,” disse o chefe de gabinete na Camara dos Communs (6 de Agosto), “poderei responder em duas sentenças. Em primeiro logar, para cumprir uma solemne obrigação intenacional—uma obrigação que se tivesse sido tratada entre individuos de occupações communs na sociedade, teria sido considerada como uma obrigação não só de direito, mas de honra, que nenhuma pessoa que se prezasse, de forma alguma poderia ter repudiado. Em segundo logar, digo que estamos combatendo para vindicar o principio, nestes dias em que a força material parece por vezes ser a dominante influencia e factor no desenvolvimento da humanidade, de que, as pequenas nacionalidades não devem ser esmagadas, a despeito da boa fe internacional, pela vontade arbitraria de uma potencia forte e altaneira. Não creio que jamais potencia alguma tenha entrado em uma grande contenda—e esta é uma das maiores que a historia terá de registrar—com uma consciencia mais tranquilla e convicção mais robusta de que está combatendo, não por aggressão, não para sustentação sequer do seu proprio interesse egoista, mas em defeza de principios cuja manutenção é vital para a civilização do mundo e com plena convicção não só da sabedoria e justiça, como das obrigações que sobre nos pezam de fazer face a estes grandes acontecimentos.”

CONSEQUENCIAS EM JOGO.

“Peço á Camara,” disse Sir Edward Grey (3 de Agosto), “sob o ponto de vista dos interesses Ingлезes, que tóme em consideração, o que possa estar em jogo. Se a França for batida em lucta de vida e morte e tiver de ficar por terra, perderá a sua posição de grande potencia, tornando-se subordinada á vontade e força de uma maior potencia que ella—consequencias que não anticipo, porque estou seguro que a França tem força para se defender com toda a energia, habilidade e patriotismo que tantas vezes tem mostrado—comtudo se isso viesse a acontecer e se a Belgica cahisse debaixo do mesmo dominio e a seguir, a Hollanda e a Dinamarca, não seria então verdade que se realizariam as palavras de Mr. Gladstone, que precisamente em nossa frente se achava o mesmo interesse commum contra o desmesurado engrandecimento de qualquer potencia ?

“Poderà dizer-se, supponho, que deveriamos por-nos de lado recrutando nossas forças e fosse o que fosse que se desse no decurso desta guerra, no fim della interviriamos efficazmente

para pôr as coisas em ordem e ajustal-as sob o nosso ponto de vista. Se em una crise como esta fechassemos os olhos ás nossas obrigações de honra e interesse pelo que diz respeito ao tratado Belga, duvido muito se qualquer que fosse a nossa força material no fim de tudo, ella seria de grande valor em face do respeito que teriamos perdido. No fim desta guerra, quer tivessemos estado de fóra ou quer tivessemos estado envolvido nella, não creio, por um momento—ainda mesmo que tivessemos estado de fora e continuado de fora—nos acharíamos em posição material de fazer uso effectivo das nossas forças para desfazer o que tivesse acontecido no decurso da guerra com o fim de evitar que todo o Oeste da Europa em nossa frente, se tal tivesse sido o resultado da guerra, cahisse debaixo do dominio de uma só potencia e estou perfeitamente certo que a nossa posição seria tal que” (O resto da sentença não se pôde ouvir, disse o “*Times*,” no meio de uma tempestade de applausos.)

CONFLICTO DE IDEAES.

O conflicto de ideaes que se acha em jogo na guerra, transparece muito claramente das conversações havidas entre o embaixador Britannico em Berlim e os ministros Allemães no dia em que a guerra foi declarada (4 de Agosto). O embaixador perguntou novamente se a Allemanha tinha em mente respeitar a neutralidade da Belgica. O ministro dos negocios estrangeiros “em seguida replicou sentir ter de dizer que a sua resposta tinha de ser na negativa, porque em consequencia das tropas Allemãs terem passado a fronteira essa manhã, a neutralidade Belga havia já sido violada.” O ministro explicou que se tratava de “uma questão de vida ou morte.” O governo imperial tinha “que descarregar um golpe tão decisivo como rapido,” portanto “tinha que avançar contra a França pela forma mais rapida e facil.” Em seguida o embaixador vizitou o chanceller imperial que considerou a Inglaterra a *unica* responsavel pela guerra: “simplesmente por uma palavra *neutralidade*, uma palavra que em tempo de guerra tanto havia sido desconsiderada, simplesmente por um bocado de papel ia a Grã Bretanha entrar em guerra.” O embaixador retusquiu que para ella era uma questão de vida ou morte cumprir com os seus tratos. O chanceller disse, “Mas a que preço serão esses tratos cumpridos? Porventura pensou nisso o governo Inglez?” “Dei a entender a sua Excellencia, o mais francamente que poude,” escreveu o embaixador Britannico “que o receio das consequencias não era bem uma desculpa que se podesse invocar para faltar aos mais solennes compromissos.”

O governo Allemão pelos seus feitos na Belgica e pelas palavras acima mencionadas deixavam bem claramente ver quaes os seus principios: Que os tratados são “simples bocados de papel”; que o compromisso de respeitar a neutralidade de uma pequena nação é “uma mera palavra”; que as exigencias

militares não conhecem leis; que um estado militar poderoso tem direito “a abrir caminho” através de uma pequena potencia cuja neutralidade se havia obrigado a respeitar; que pode saquear e espoliar qualquer dessas nações que se atreva a defender. Em resumo que não ha direito mas sim força. Da manutenção de principios oppostos que levam a Grã-Brethenha a estar envolvida nesta lucta, dependem todas as esperanças de salvar o mundo do regimen da mera força bruta e militarismo.

Sendo portanto as consequencias, vitaes para a civilização do mundo e para a liberdade e integridade da Grã-Bretanha e Dominios Britannicos, “certifiquemo-nos de que, todos os recursos,” como disse o chefe de gabinete, “não só do Reino Unido como do vasto imperio de que elle é o centro são postos no prato da balança.” E portemo-nos em toda a lucta inspirados no lemma de guerra de Abraham Lincoln: “Sem malevolencia para com ninguem; com caridade para com todos; com firmeza pelo direito que Deus nos dá para ver com justiça —luctemos por ultimar a obra em que estamos occupados; para pensar as feridas desta nação: para cuidar dos que batalharam e das suas viuvvas e orphãos e fazer tudo o que possa concluir e alimentar uma paz justa e duradoura.”
